

APRESENTAÇÃO

O presente número da Revista *Interfaces* tem como tema *Língua, Linguagens e Culturas em contato*, proposta derivada de uma reflexão no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Faculdade de Letras da UFRJ, que recentemente criou uma nova opção de titulação: Línguas e Culturas em Contato.

Trataremos aqui da circulação de homens, impressos, partituras, imagens e ideias, de apropriações, transferências e formação de culturas nacionais e globalizadas, de línguas, crioulos, *pidgins*, línguas de sinais e transcrições em braile. Mas também de arquitetura, de cinema, de obras de arte e de artefatos, de museus, de performances. Este número vem ao encontro da necessidade de discutir e de refletir sobre essas temáticas na forma de reflexões científicas, filosóficas, de relatos de pesquisa e de manifestações artísticas. Congrega textos capazes de nos surpreender e de nos fazer refletir. São muitos e diversos os sujeitos: o grego, os habitantes da fronteira, o indígena, os expatriados, os imigrantes, os surdos. Também variam os contextos de análise desses contatos: do Oriente à Europa, do Velho ao Novo Mundo, da Amazônia ao Chuí, dos grandes centros ao interior do Brasil.

É uma tarefa bastante árdua refletir sobre o conceito e sobre os significados de palavras tão complexas como língua, linguagem e cultura. Por exemplo, a aquisição de uma nova língua implica adquirir, sem sobra de dúvida, outra cultura. E sobre a cultura, torna-se ainda mais difícil a discussão, principalmente quando estamos imersos nela. Metaforicamente pode-se dizer que ela é como um peixe que procura ter uma ideia da água que o circunda, segundo a definição de Fennes e Hapgood.¹ Vale ressaltar que, todavia, grande parte daquilo que chamamos de *nossa* cultura ainda nos é desconhecida. De fato, percebemos algumas de suas manifestações, mas somos ignoros do papel preponderante que ela ocupa em nossas vidas e de como ela influencia o nosso comportamento, as nossas reações, as nossas escolhas e até mesmo as nossas opções linguísticas de maneira inconsciente. Não percebemos senão a ponta de um iceberg.

O fato de que as culturas estejam em movimento representa, desde sempre, uma constante do modo humano de habitar o mundo; nenhuma civilização é pensável sem levar em consideração um processo articulado de contato e

1 FENNES, Helmut & HAPGOOD, Karen. *Intercultural learning in the classroom: crossing borders*. London: Castell, 1997, p. 13.

compenetração entre povos diversos. Os gregos, por exemplo, mesmo tão orgulhosos de sua identidade, consideravam o Oriente Médio e o Egito como seus antepassados culturais, a ponto que parece plausível se falar, como o fez Martin Bernal (1937 – 2013), em seu ensaio de 1987, de uma “Atenas Negra”. Também a Índia não permaneceu insensível à interação com o helenismo: Buda, uma figura totalmente indiana, por vezes é retratado segundo os cânones mediterrâneos.

Mas a diferença, em relação ao passado, é que hoje o fenômeno de contato assumiu proporções planetárias. A aceleração e a expansão dos fluxos migratórios têm como efeito a globalização dos encontros-embates entre as culturas. Este primeiro fato requer um esforço de análise, a partir do momento que representa a conjuntura epocal que determina a especificidade dos processos de contato e de mestiçagem com os quais nos deparamos hoje. Para além do contraste entre uma tese continuísta (a globalização é um processo que acompanha desde sempre a história humana, não apenas ocidental) e uma tese descontinuísta (a globalização é o advento de uma idade global que “rompe” com a idade moderna), é certo que estamos vivendo, há tempo, uma passagem de época, uma mudança radical que já Paul Valéry tinha bem presente, quando escreveu, em 1945, os seus *Regards sur le monde actuel*.

No contexto da globalização, que é também aquele das migrações e de uma urbanização em pleno crescimento, os desafios paralelos da preservação das identidades culturais e da promoção do diálogo intercultural assumem uma importância e uma urgência novas, afirma o Relatório Mundial da UNESCO,² *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*, publicado em 2009.

É importante ressaltar que, na verdade, são os homens que dialogam entre si, e não as culturas. Assim, um verdadeiro diálogo intercultural acontece apenas se os interlocutores são autônomos para se posicionar e se seus discursos e posicionamentos são levados em consideração neste diálogo. Inferimos, portanto, que o diálogo intercultural ocorre apenas quando há uma efetiva troca e, principalmente, uma abertura para a compreensão do discurso do outro.

Ainda segundo o documento da UNESCO, no mundo onde estão abertos os canais de contato direto entre as culturas, é necessário lutar contra a generalização do analfabetismo cultural. Assim, a capacidade de aceitar as diferenças culturais e acolhê-las sem desestabilizações, requer competências interculturais que algumas sociedades aprenderam a desenvolver. Assegurar aos indivíduos ou aos grupos os meios de gerir, com mais eficácia, as diversidades culturais, deveria ser a nova

2 UNESCO, Relatório Mundial da. *Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural*. Paris: UNESCO: 2009. Disponível em: <http://www.unescodoc.unesco.org/images/001847/184755por.pdf>. Acesso em: 30/03/2016.

preocupação dos dirigentes, tanto na esfera pública como naquela privada. Portanto, o diálogo intercultural deve garantir a igualdade entre todas as partes em causa.

Portanto, precisamos responder a outra pergunta: se a cultura torna-se cada vez mais global, em quais termos se pode falar de identidade cultural hoje? Em suma, a pergunta é: com a globalização, ainda há espaço para as identidades culturais, religiosas, linguísticas ou nacionais? E os valores locais? Disso tudo resulta que a observação e o estudo de outras culturas, e do contato entre a *nossa* cultura e a *deles*, dos outros, não pode se limitar às breves noções de história e geografia temperadas com uma pitada de folclore e recheadas de estereótipos.

Os atuais processos de globalização e suas aparentes estratégias de uniformização cultural parecem caminhar em direção a um progressivo abatimento das fronteiras simbólicas da alteridade, concebidas como simples obstáculos para uma real integração social e cultural em escala mundial. Na realidade, o resultado disso é um pluralismo complexo, às vezes híbrido, fruto de um jogo livre de diferenças que assinalam para um novo universalismo antropológico, ainda todo por inventar, mas que por outro lado reativa processos de reconhecimento identitário. A mestiçagem cultural, portanto, longe de ser um fenômeno de hibridação artificial e estática, se revela como um lugar de tensão dialética entre instâncias diversas e de equilíbrio dinâmico em contínua evolução, sempre exposta ao duplo risco de uma colonização assimiladora e normalizante ou de uma dispersão individualizante. Não nos resta senão aceitar o desafio ético da criação de uma cultura singular-plural através da plena compreensão daquelas que são as categorias fundamentais da alteridade, assim como se delineiam no curso dos processos de simbolização em ato no plano sociocultural.

São estas fronteiras imaginárias que irão delinear e esclarecer, através de uma indagação pluridisciplinar, a função do *outro* enquanto fronteira através de suas diversas manifestações, além das próprias modalidades com as quais tais manifestações comportam na separação do *idêntico* ou na unificação do *diverso*.

Ora, este complexo entrelace entre global e local, isto é, este fenômeno inédito de *glocalização*, aquela globalização com tempero local, representa o desafio do nosso tempo: por um lado, as fronteiras internas dos grupos e das sociedades não coincidem mais com as fronteiras geográficas – este é um dos principais motivos pelos quais os contatos e a mestiçagem não podem ser baseados apenas no fenômeno étnico, se por etnia entendemos um código identitário local, imutável e ordenado sobre qualquer outro tipo de pertença; por outro, formou-se um *gap* insuperável entre a dimensão global – hegemônica pelo mercado e pelas novas tecnologias da comunicação – e as práticas rotineiras de uma política ainda vinculada ao velho paradigma territorial. Esse desnível significa, concretamente, que o

poder normativo do estado-nação não consegue mais regular os fluxos de capital transnacional; por sua vez, o mercado global funciona segundo uma lógica que não é realmente uma garantia de liberdade: aliás, quando o dinheiro gira ao redor da terra, as pessoas e as culturas correm o sério risco de se tornar mercadoria de troca.

A expansão do universo dos contatos entre as culturas, ou melhor, entre os sujeitos que a praticam, e o potencial aumento do grau dos conflitos culturais são um dos efeitos mais evidentes de uma compreensão espaciotemporal, como aponta Harvey.³ O aumento na velocidade dos sistemas de transporte e de comunicação, principalmente, não multiplica apenas a interação entre os sujeitos, mas transforma também os contextos nos quais tais interações ocorrem. As metrópoles se propõem cada vez mais como ambientes de comunicação e da alta complexidade dinâmica. Multiplicam-se as zonas de contato em um quadro de persistente disparidade econômica e social entre os sujeitos em interação.

Em suma, parece que a economia, a cultura e a política se tornaram esferas autônomas, que funcionam com regras próprias, reciprocamente incompatíveis e frequentemente em conflito. Arjun Appadurai é um dos estudiosos mais atentos a este fenômeno. Segundo o antropólogo indiano, observador dos fenômenos das dimensões culturais da globalização, o mundo mutável e fluido no qual vivemos não é caracterizado apenas por panoramas de pessoas em movimento (*ethnoscapes*); movendo-se de modo veloz e inalcançável, vemos também a capacidade de produzir e difundir a informação (*mediascapes*), a tecnologia (*technoscapes*), o capital global (*financescapes*) e, finalmente, as mesmas ideias políticas como liberdade, bem-estar, direitos e democracia (*ideoscapes*).⁴ Ora, esses cinco panoramas (*-scapes*) se entrelaçam e se separam de variados modos. Tomemos como exemplo o nexos entre *ethnoscapes* e *mediascapes*: é suficiente pensar como a Internet permita a tantos imigrantes de continuar a falar a própria língua, ou a possibilidade de aprender uma outra. Isto significa que as mídias, principalmente as eletrônicas, sejam capazes, pelo menos em parte, de determinar a imagem que determinado grupo humano cria sobre a própria cultura e sobre a cultura e, conseqüentemente, a língua do outro. Assim, nem sempre essa potencialidade permite que as culturas diferentes entrem em contato de maneira pacífica: a invasão das informações torna incertas as fronteiras entre “nós” e “eles” e, com muita frequência, tenta-se remediar essa incerteza com a violência ou o terrorismo.

3 HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail V. Sobral e Maria S. Gonçalves. 16ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 189.

4 APPUDARAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 2004, p. 50.

Stefano Rapisarda, professor de Filologia Românica na Universidade de Catânia, Sicília, abre este número da Revista *Interfaces* com o ensaio *Per una filologia euro-mediterranea*, demonstrando como a obra *De falso credita et ementita Constantini donatione*, de Lorenzo Valla (1440), foi tida como fundadora da moderna filologia. Porém ele aponta que, na verdade, a filologia, como outras disciplinas, “vive a crise de todas as disciplinas fundadas sobre a ideia da construção de Estado-nação”, e que o futuro da Filologia Românica, “num modo complexo e pelas tradições múltiplas, deve ser procurado em um cenário geocultural que, da Provença e Alsácia, zonas quentes do século XIX, se desloque em direção ao Mediterrâneo, ao Oriente Próximo e, inclusive, o Extremo Oriente, zonas quentes do século XXI”. Acrescenta que a filologia euro-mediterrânea tem por objeto não as línguas e as literaturas românicas medievais ou as línguas semíticas, mas sim o resultado do contato e o relativo produto delas, ou seja, “textos plurilíngues em árabe e línguas europeias, em grego e línguas europeias, glossários, vocabulários, narrativas de viagem, relatos de embaixadores e peregrinos”. Conclui a sua contribuição com uma constatação assaz interessante: “Se fomos capazes de estudar a aproximação do Ocidente ao Oriente, e sobre a validade o leitor julgará, não nos sentimos competentes para estudar o processo especular, isto é, a eventual atenção do Oriente para o Ocidente. Mas suspeitamos que, se houvesse clamorosos episódios, teríamos nos apercebido deles”.

Das considerações euro-mediterrâneas nosso foco se desloca para o extremo sul da América do Sul, na região de fronteira entre Brasil e Uruguai. Cristiana Crinò apresenta o contato entre português e espanhol com o ensaio *O Portunhol/Portuñol na poesia de Fabián Severo*. Seu ensaio aponta para estudos anteriores elaborados por José Pedro Rona em 1965 e por Ana Maria Carvalho em 2007, sobre a existência de um português uruguaio na fronteira, variedade chamada pelos linguistas uruguaios Adolfo Elizaicin, Luis Behares e Graciela Barrios de “dialetos portugueses do Uruguai”. E é com essa variedade que uma miríade de produções musicais e literárias foi, e ainda é produzida naquela zona, onde se destaca a obra poética de Severo. Ele afronta temáticas e personagens tipicamente fronteiriças que utilizam uma língua que evoca a geografia e a história locais ou, como o próprio poeta chama de “língua sem dono”, por não possuir nem gramática, nem dicionário. Recentemente, um grupo de historiadores, artistas e linguistas brasileiros e uruguaios deu início a um processo junto a UNESCO para que o *portunhol/portuñol* seja declarado Patrimônio Imaterial.

Do extremo sul partimos para o extremo norte do Brasil com Leandro Thomaz de Almeida que nos oferece uma reflexão sobre a Amazônia em *A Amazônia do “romance amazônico” – observações sobre a crítica aos romances de Inglês de Sousa e*

sua relação com relatos de viajantes. Inglês de Souza (1853–1918) foi professor, advogado, jornalista e político, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, e considerado o introdutor do naturalismo no Brasil, com a publicação do romance *O Coronel Sangrando*, de 1877, embora sua obra mais conhecida seja o romance *O Missionário*, de 1891. Partindo das reflexões dos críticos Massaud Moisés, Pedro Maligo, e Bella Jozef (Professora Emérita da Faculdade de Letras da UFRJ) e do antropólogo e especialista em Inglês de Souza, Mauro Vianna Barreto, o autor identifica pontos de contato entre a narrativa do escritor paraense e de relatos de viajantes estrangeiros que registraram variados aspectos da vida amazônica: do seu ambiente natural à cultura de seus habitantes, com foco nas descrições. Conclui que a Amazônia literária “é fruto de apropriações e interpretações que impedem que a descrição que se lê seja tomada como objetiva transposição da realidade para o texto. Entre uma e outro há mediações que não podem ser desconsideradas”.

Estrangeiro, desenraizamento e construção identitária nos são apresentados por Cláudia Almeida em *Configurações do estrangeiro no texto de Vassilis Alexakis*. Trata-se de uma temática recorrente nos noticiários internacionais: a errância de refugiados de guerra, de populações política, racial ou religiosamente perseguidas como os Roms na França, os africanos no sul da Itália, os haitianos no Brasil, os sírios em todo o mundo. Tomando por base os conceitos de sujeitos deslocados e desenraizados de Tzevtan Todorov, o desejo de errância de Michel Mafessoli, ela analisa a obra do escritor franco-grego, definido por Marianne Payot do *L'Express* como “o mais ateniense dos parisienses”. Alexakis foi agraciado com o Grande Prêmio do romance pela *Académie Française* em 2007 e em 2015 com o Prêmio Casanova com o romance *La Clarinette*. O estrangeiro, na obra de Alexakis, é uma presença recorrente: ele discute as diferenças e suas consequências, a imagem do não assimilado e as relações entre o estrangeiro e a língua da nova pátria, no caso, a língua francesa, e a imagem exótica focada nos personagens e não nos lugares.

Da linguagem literária passamos para a língua de sinais. Natália Schleder Rigo reflete sobre a *Interpretação de música para língua de sinais: público alvo surdo e aspectos culturais em foco*. Com a Lei 10.436 (24 de abril de 2002) e o Decreto 5.626 (22 de dezembro de 2005), a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, foi oficializada, tendo sido garantida como a língua natural de expressão dos sujeitos surdos. Decorrência disso é a necessidade, cada vez mais premente, de profissionais especializados, como o intérprete de língua de sinais. E dentre esses intérpretes, a autora discorre sobre o papel dos mediadores entre a cultura dos ouvintes e a cultura dos surdos, embasada em importantes estudos de autores surdos que, melhor que ninguém, são capazes de perceber as diferenças entre essas duas culturas, em constante contato. Aponta uma importante constatação: os sujeitos surdos têm

uma cultura, mas o mundo a desconhece. A leitura nos oferece a possibilidade de conhecer mais desse universo, e de que maneira, por exemplo, os surdos percebem a música e os sons; a autora enumera uma série de músicos, musicistas e tradutores surdos de canção no exterior e no Brasil. Aborda a prática de interpretação de músicas para língua de sinais que “mediada pelo profissional intérprete, permite o contato, a assimilação e a transferência de culturas e línguas distintas”.

Da música e da língua de sinais para a sétima arte e para a arquitetura: *Cataguases: nexos entre cinema, literatura e arquitetura na construção de um ideário moderno*, de Fernando Antonio Oliveira Mello, traz à luz a pequena cidade da Zona da Mata de Minas Gerais como um importante polo do Modernismo brasileiro. De fato, foi onde o cineasta Humberto Mauro (1897–1983), um dos pioneiros do cinema brasileiro, produziu seus primeiros filmes, onde os arquitetos Oscar Niemeyer (1907–2012), Carlos Leão (1906–1983), Maurício e Milton Roberto (1908–1964 e 1914–1953) entre outros, associaram arquitetura, paisagismo, mobiliário e artes plásticas; e, finalmente, onde, entre 1927 e 1929, um grupo de estudantes do Grêmio Literário Machado de Assis do Ginásio de Cataguases publicou uma revista literária de vanguarda, a *Revista Verde*, que, além de divulgar a produção literária local, contou com a contribuição de importantes nomes como Carlos Drummond de Andrade (1902–1987), Achilles Vivacqua (1900–1942), Aníbal Machado (1894–1964) e Mário de Andrade (1893–1945). Os jovens de Cataguases faziam parte daquele grupo que Humberto Werneck chamou de “geração literária articulada”, que atribuía à escrita um sentido de missão.

Com *Os fantasmas espreitam da fenda: a arquitetura estranhamente familiar de Lebbeus Woods*, de Bernardo da Silva Vieira, o autor oferece um cruzamento da leitura de duas obras do arquiteto americano e busca posicionar seu trabalho profissional e suas investigações teóricas “como uma força de resistência política, na defesa de uma ética nas intervenções arquitetônicas em sítios arruinados por eventos traumáticos”. Woods afirmou em 2002 que “Arquitetura e Guerra não são incompatíveis. Arquitetura é guerra. Guerra é arquitetura”. Da reconstrução de Sarajevo (arrasada pela Guerra da Bósnia entre os anos 1992 e 1995) aos castelos medievais habitados por fantasmas e seres sobrenaturais, Bernardo apresenta investigações sobre as relações entre arquitetura, psicologia, filosofia e literatura. Estranhamento familiar, espaço torcido, arquitetura e ruína, passando por Freud, Shakespeare e Poe completam o trabalho.

Ainda no âmbito da arquitetura, Luiz Antônio Ferreira das Neves discorre sobre a arquitetura do medo e da violência em *Violência urbana: as barreiras isolam o edifício residencial*. As barreiras isolam o homem, de certa forma, de seu contato com o mundo exterior, com o mundo do “outro”, decorrência da violência

de grandes centros urbanos como é o caso do Rio de Janeiro. Essas barreiras ao contato com o mundo exterior, para Neves, “marcadas por paisagens de muralhas, fossos, arames farpados, lanças e seteiras”, não são aquelas imagens das fortalezas e castelos medievais, “mas edifícios e casas do urbano contemporâneo”. Portanto, reflete como é possível pensar a arquitetura como um meio de auxílio na redefinição das dinâmicas sociais.

Das grandes construções aos pequenos objetos da olaria, *Natureza, palavras e artefatos cerâmicos: atores construtores do presente/futuro dos índios Mbyá-Guarani*, Franklin da Silva Alonso nos apresenta uma pesquisa de campo, por ele conduzida, e os respectivos resultados oriundos do seu convívio de dois anos com a comunidade indígena fluminense, com a finalidade de investigar a cultura material cerâmica daqueles indivíduos. Indica que, para os indígenas, “as peças artísticas de barro participam de um sistema de ‘integralidade lendária’ e que, apesar das investidas de uma sociedade urbana, vizinha à tribo, “não houve uma força necessária para dissipar a memória ‘mitológica de importância’ que cerca o trabalho cerâmico daquele grupo em Niterói”. O autor ministrou uma oficina de cerâmica na comunidade *Tekoa Mboy y-ty* (Aldeia das Sementes, em português) em Camboinhas (Piratininga), cujo principal objetivo foi o de resgatar a cultura oleira, refletindo sobre seus significados e sobre seu uso na atual realidade. Os artefatos guaranis são, portanto, livres para “ser”, conforme as necessidades do momento vivido, podendo o objeto adquirir um caráter ritual/cerimonial ou utilitário e podendo “transitar entre variados mundos, momentos e empregos”. O contato que outrora gerou uma negligência às tradições, agora é responsável pelo resgate das mesmas.

Poesia concreta e música popular brasileira são o tema de *Bom gosto, bom senso e bons modos? Um diálogo entre “Senhas” e “Tropicália”*, que compõe o “Dossiê Interfaces”. Daniela Pedreira Aragão, partindo do conceito bakhtiniano de dialogismo, analisa a canção “Senhas”, título do álbum homônimo da cantora e compositora Adriana Calcanhoto, lançado em 1992, e as suas relações com a poesia concreta que “privilegiou o campo visual, sintonizada com as questões da modernidade, do universo fragmentário, descontínuo, caleidoscópico do cinema e das propagandas”. Sustenta, ainda, que a obra de Calcanhoto se preocupa com os aspectos estéticos, e que ela frequentemente dialoga com as artes visuais citando Iberê Camargo (1914–1994), Frida Kahlo (1907–1954) e Hélio Oiticica (1937–1980). Completa que bom senso, bom gosto e bons modos, discutidos na canção, “explicitam a eterna necessidade de se recorrer ao cânone”, e que com “Aristóteles e Horácio a compositora implicitamente revisita os conceitos básicos da arte”.

Marianna Estellita Lins Silva, no âmbito da arte contemporânea, discute o papel da obra de arte e dos museus com a intrigante indagação: *O que é a obra*

de arte e o que é um museu? Baseado nos pressupostos de Walter Benjamin, de Arthur Danto, de Nicolas Bourriaud, de Anne Cauqueulin entre outros teóricos, a autora indica que, após os anos 1960, a arte “passa a ser vista como um dispositivo de interatividade entre o artista, o espaço social e o espectador, e não mais como um suporte físico a ser contemplado”. Decorre desta afirmação, portanto, que os museus não são mais, segundo uma concepção canônica, “espaços sagrados da contemplação”. Tal ideia, imediatamente, nos remete ao *Manifesto Futurista* de Filippo Tommasi Marinetti (1876–1944), que, já em 1909, cantava a destruição dos museus, comparando-os aos cemitérios. Assim, frente às novas modalidades de produção artística, os museus precisam reavaliar seus métodos de trabalho, pois até o advento da arte moderna mostravam-se eficientes, e hoje não mais o são. Como armazenar as chamadas obras efêmeras, perecíveis ou de suporte complexo? E áudios, vídeos e performances?

E a propósito de performances, encerra este número o ensaio de Patrícia Colmenero com *Escrita-vida: recontar a performance na literatura*. A autora traça um perfil histórico sobre essa modalidade polissêmica e incontrolável, revisitando uma bibliografia que compreende revistas, textos de autores consagrados como Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Nicolas Bourriaud, “em busca de propostas para uma criativa desterritorialização na milenar arte da escrita”. Fulcro da discussão é que essa noção proveniente, primeiramente das artes visuais, manifesta-se na literatura por meio dos textos críticos, baseados nos estudos de Ravetti e Leal. Seriam performances literárias a ideia do corpo no texto literário, a arte processual ou *work in progress*, a autoficção, as escritas de si. E conclui afirmando que “a performance também visa sobreviver à própria morte”.

À guisa de conclusão, podemos considerar outras formas de linguagem, além da língua *strictu senso*, na constituição da pertença cultural? Basta pensar nas comunicações não verbais e nas outras formas de linguagem como a das artes, do design, da cozinha, da arquitetura, da música, da moda. Língua, linguagem, cultura e identidade são palavras que estão modificando incrivelmente de significado. Todavia, vale refletir que não são temas exclusivos para estudiosos e pesquisadores. Elas não são exclusivas do ambiente acadêmico, mas dizem respeito a cada um de nós como cidadãos, como seres humanos e como pessoas conscientes que procuram, no mundo, um sentido e um significado.

Fabiano Dalla Bona